

## Corpo e gozo desobediente em Úmidas

### *Disobedient body and pleasure in Umidas*

Erika Jane Ribeiro<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Ilhéus, Bahia, Brasil

Valéria Amim<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Ilhéus, Bahia, Brasil

**Resumo:** Por meio das discussões apresentadas neste artigo, objetivamos problematizar a prevalência das narrativas hegemônicas sobre corpo e sexualidade das mulheres como organismos sociais controladores, a partir das reflexões em torno do pensamento hétero, mais detidamente em torno dos corpos plenos e experimentações do Corpo sem Órgãos (CsO) presentes na escrita literária de mulheres. Tais reflexões serão robustecidas através da análise de poemas da obra coletiva *Úmidas* (2022), entrelaçadas às concepções de corpos falantes que buscam e constroem a intensidade do próprio gozo como exercício subversivo e refutador do cânone e de seu poder patriarcal. Para que este artigo também se apresente como uma experimentação do Corpo sem Órgãos, buscamos estruturá-lo entrelaçando contribuições poéticas e teóricas de Artaud (1975), Deleuze e Guattari (2012) Margareth Rago (2012), Monique Wittig (2022), Derrida (2004), Donna Haraway (2016), Judith Butler (2021), bell hooks (2015), Hélène Cixous (2022), Gilka Machado (1978), trechos da obra *Úmidas* (2022), entre outros escritos que intensificam os sentidos e gozos aqui mobilizados.

**Palavras-chave:** Escrita de mulheres. Corpos livres. Gozo.

**Abstract:** Through the discussions presented in this article, we aim to problematize the prevalence of hegemonic narratives about women's bodies and sexuality as controlling social organisms, based on reflections around straight thinking, more specifically around full bodies and experimentations of the Body without Organs (BwO) present in women's literary writing. Such reflections will be strengthened through the analysis of poems from the collective work *Úmidas* (2022), intertwined with the conceptions of speaking bodies that seek and build the intensity of jouissance itself as a subversive and refuting exercise of the canon and its patriarchal power. For this article to also present itself as an experimentation of the Body without Organs, we seek to structure it by interweaving poetic and theoretical contributions from Artaud (1975), Deleuze and Guattari (2012) Margareth Rago (2012), Monique Wittig (2022), Derrida (2004), Donna Haraway (2016), Judith Butler (2021), bell hooks (2015), Hélène Cixous (2022), Gilka Machado (1978), excerpts from the literary work *Úmidas* (2022), among other writings that intensify the senses and pleasures mobilized here.

**Keywords:** Women's writing. Free bodies. Pleasure.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Representações da *Universidade Estadual de Santa Cruz* (PPGL/UESC), poeta, Ilhéus, Bahia, Brasil. [ejribeiro@uesc.br](mailto:ejribeiro@uesc.br).

<sup>2</sup> Doutora, professora plena do Curso de Comunicação Social e integrante do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Representações da *Universidade Estadual de Santa Cruz* (PPGL/UESC). É pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais (KÁWÉ/NEABs) da UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil. [vamim@uesc.br](mailto:vamim@uesc.br).

*O corpo é um território de resistência, mapeado pelo desejo, afeto e gozo.”*  
(AKOTIRENE, 2022, s.p)

### PRIMEIROS TOQUES

Pele. Pelos. Lábios & Língua. Trompas de falópio. Ovários. Vaginas. Clítoris. Hímen. Endométrio. Boca. Bunda. Coxas. Útero. Seios. Mãos & Pés. O corpo compreendido apenas como um aglomerado de órgãos, um artefato biológico disposto às explorações e, mais precisamente, no caso das mulheres, também um objeto de desejo pronto para a satisfação dos interesses patriarcais, entre eles reprodução e servidão. É o confronto desse sistema organizado e robustecido pelo cânone literário que nos interessa abordar aqui, buscando não reduzir a mulher a esse construto biológico, nem aos seus órgãos com funcionalidades específicas e determinadas, mas entender esse corpo como agente cultural, social e político em ação. Assim, é importante compreendermos o corpo como uma construção rizomática<sup>3</sup>, mais histórica e política que natural, fabricada continuamente por representações temporais, territoriais, socioculturais que assinalam e ressignificam suas diferenças. No dizer da filósofa estadunidense Donna Haraway, em *Manifesto Ciborgue* (2016, p.36), enquanto corpo, somos esse híbrido de realidade social e ficção que transgride fronteiras e refuta a ideia higiênica de naturalidade, ao tempo em que amplia suas potências políticas.

Enquanto a história do corpo vai mudando e ressignificando conceitos e valores em torno dele, é possível notarmos como as concepções teóricas e, conseqüentemente, as próprias políticas corporais ainda se assentam em bases binárias desiguais que excluem e/ou ignoram as construções que estão entre ou para além dos binarismos, como também fortalecem o pensamento hétero (WITTIG, 2022). Com isso, os sujeitos que escapam dessas terminologias e aprisionamentos binários e heteronormativos são invisibilizados, excluídos, e seus desejos e gozos, reprimidos. Assim, esse corpo que é construído à imagem e semelhança de um deus, que é também masculino, carrega, desde a sua concepção, os dogmas e aprisionamentos referendados por uma ciência que também é binária e estada no pensamento hétero. É um corpo regulado por organismos, preso às estratificações e ao controle dos desejos, em oposição à fluidez e experimentação intensa que a criação do Corpo sem órgãos (CsO) permite (DELEUZE; GUATTARI, 2012), e isso reverbera, também, na escrita literária que ele produz.

Para que a experiência de leitura deste texto também se dê numa perspectiva de encontro de reflexões e intensidades pulsantes, partilhamos o entendimento do Corpo sem órgãos ou CsO como uma ideia-conceito desenvolvida por Deleuze e Guattari, utilizada em *Anti-Édipo* e *Mil-Platôs* para representar um processo de experimentações intensivas que se colocam contra as regulações dos diversos organismos sociais, a partir do poeta, ator e escritor Antonin Artaud:

---

<sup>3</sup> Apoiado na ideia de rizoma, apresentada por Deleuze e Guattari, o corpo como construção rizomática é aquele em que não há hierarquização de suas partes e/ou funções, mas apresenta um funcionamento complexo e interconexo de suas potências que ultrapassa as categorizações hegemônicas.

Levando-o uma vez mais, uma derradeira vez, à mesa de autópsia para lhe refazer a anatomia.  
O homem é doente porque é mal construído.  
Temos que nos decidir a desnudá-lo para lhe extrair esse animalejo que mortalmente o corrói  
deus  
e juntamente com deus  
os seus órgãos.  
Porque metam-me se lhes apraz num colete de forças  
mas não há nada mais inútil do que um órgão.  
Quando lhe conseguirmos um corpo sem órgãos tê-lo-emos libertado de todos os seus  
automatismos e restituído à sua verdadeira liberdade.  
Voltaremos então a ensiná-lo a dançar às avessas  
como no delírio dos bailes musset,  
e esse reverso será  
o seu verdadeiro direito.  
(ARTAUD,1975, p.50)

Em decorrência desse aprisionamento criado e robustecido pelas organizações e estratificações sociais pautadas no moralismo, capitalismo, religião, patriarcado, etc., durante muito tempo, os pensamentos e construções teóricas em torno dos corpos e das suas relações entre si (fossem elas amorosas, sexuais ou de outra natureza), foram temas de narrativas históricas, médicas e literárias, sempre produzidas por vozes de homens brancos e da elite. No caso das mulheres, sobretudo, não eram elas que relatavam as experiências dos seus corpos, mas um outro dotado do poder contemplativo e também discursivo sobre seus corpos, que não desejava apenas observá-los, mas sim dominá-los. Sendo assim, desejo e controle se misturam de modo que o estímulo ao desejo, assegura o controle por meio de tecnologias sutis de poder (CORBIN, 2008). Na literatura, é também essa voz cisheteropatriarcal que domina os discursos, inclusive sobre os corpos e prazeres das mulheres, robustecendo ainda mais o cânone patriarcal e suas marcas coloniais.

É nesse jogo de apropriações discursivas e narrativas históricas firmadas em binarismos e nas limitações do pensamento hétero que o corpo da mulher aparece como inferiorizado, inapto ao prazer e dependente exclusivo do poder do homem, pois, como afirma Corbin (2008), durante muito tempo, acreditava-se que apenas o sêmen masculino era capaz de levar a mulher ao orgasmo e à saciedade. Sobre essa dominação exercida pelo pensamento hétero, Monique Wittig afirma que “[...] o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos.” (WITTIG, 2022, p. 49)

A partir da subversão a esse pensamento totalizante e limitado, firmado num falo que tudo diz e pode, outras narrativas passam a ser construídas resistentemente pelas próprias mulheres que vão, aos poucos, tomando para si a voz e a escrita (de si), o que lhes permite romper com o lugar perverso e silencioso da musa imóvel e emudecida. Como bem salienta Margareth Rago, “As mulheres reivindicam a construção de uma nova linguagem, que revele a marca específica do olhar e da experiência cultural e historicamente constituída de si mesmas.” (2012. p. 58)

Por meio dessa nova linguagem, as mulheres apoderam-se dos contornos dos seus corpos, mesmo que as regras do mercado ainda insistam em delinear seus desejos, prazeres e os caminhos da escrita que, em transgressão, toma para si a condução do próprio gozo. São essas experimentações de escritas literárias que se manifestam, também, como ações políticas importantes, através das quais as mulheres reconhecem os processos e organismos opressores que se dedicam exclusivamente à regulação dos seus corpos e vigilância de seus desejos e reagem a eles por meio de uma escrita subversiva e contra fonofalocêntrica. Desenvolvida por Jacques Derrida (2004), a ideia de fonofalocentrismo compreende a primazia da voz, da escrita e da razão ocidental patriarcal que se sobrepõe, enquanto organismo regulador e anulador das vozes, escritas e corpos dissidentes. É, pois, sobre essas relações de poder e dominação que a construção de *Corpos sem Órgãos*, que atravessa a escrita de mulheres, se insurge. É “a experiência da linguagem e do próprio corpo como linguagem” (DERRIDA, 2004, p.52) subvertendo ao silenciamento robustecido pelo fonofalocentrismo.

Ao tomar o corpo como esse lugar de movimentações e encontros que enfrenta e desassossega o império do fonofalocentrismo regulador de corpos, escritas e corpos-escritos, Hélène Cixous (2022, p.36) nos oferece uma perspectiva transformadora por meio da escrita, que se entrelaça em dança e calor à ideia do *Corpo sem Órgãos*, enquanto prodigioso combatente dos cerceamentos fonofalocêntricos: “Quase toda a história da escrita se confunde com a história da razão, da qual ela é ao mesmo tempo o efeito, o suporte, e um dos álibis privilegiados. Ela coincidiu com a tradição falocêntrica. Ela é, aliás, o falocentrismo que se olha, que se satisfaz de si mesmo e se felicita.”

Partindo dessa tomada de espaço, palavras e prazeres, intentamos, neste artigo, entrecruzar, como pernas livres que se buscam para o gozo, discussões em torno das narrativas hegemônicas e fonofalocêntricas sobre corpo e sexualidade das mulheres e a apreciação e análise, a partir das experimentações do CsO, de poemas da obra *Úmidas* (2022), produzida por poetisas independentes do semiárido baiano que se entregam à umidade e profusão dos seus sentidos e escrita, por meio de um diálogo dissidente e prazeroso. Para tanto, este texto apresenta um breve passeio pela história do corpo e da sexualidade, também destacando outras mulheres poetisas e escritoras brasileiras que ousaram falar sobre seus corpos e prazeres e somando às suas escritas outras vozes sobre corpos-escritos em constante subversão e experimentação das suas potências e desejos.

São as vozes e sussurros de prazer desses corpos intensivos e insubordinados que, a partir de agora, conduzirão as reflexões, em busca da desorganização dos organismos dominantes, da movimentação cadenciada dos desejos, do farfalhar prazeroso dos versos e ponderações teóricas desses *Corpos sem Órgãos* rompendo as anulações. Vibremos com eles!

## **2 O DESNUDAR DOS CORPOS, PALAVRAS E SENTIDOS**

A história do corpo e da sexualidade é escrita, em regra, a partir das regulações exercidas sobre os corpos das mulheres, pelo poder falocêntrico que condena a liberdade das formas, dos toques e gozos. Inicialmente admitidos apenas com função de

reprodução, o ato sexual e o orgasmo são também compreendidos a partir das diferenças, tanto físicas como morais, entre os corpos de homens e mulheres, reforçando-se, ainda mais, o poder falocêntrico na concepção do prazer. Assim, com a desqualificação do gozo das mulheres, refletem-se as diferenças que ditam os papéis sociais e raciais, posto que esse corpo regulado é da mulher branca, tendo em vista que as mulheres negras sequer eram consideradas nessa conjectura, como se pode observar, por exemplo, no panorama traçado por Alain Corbin em “Encontro dos corpos”, capítulo inicial de sua obra *História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra* (2008).

É, pois, com as mudanças sociais e políticas que atravessam a sociedade que o perfil do corpo de mulher, desejado e regulado pelos homens, também vai sendo alterado e, principalmente, graças às lutas e conquistas dos movimentos feministas, apesar das permanentes exclusões que o apego à categoria universal de mulher acaba por provocar e fortalecer, pois além de reforçar o modelo binário de sexo e gênero, exclui e inviabiliza outros perfis de mulheres, sobretudo negras, indígenas, trans, lésbicas, rurais e periféricas. Judith Butler (2021) alerta para o equívoco da concepção específica e hegemônica do feminino. Para a filósofa, “a ‘especificidade’ do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relação de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 2021, p.22). Também nesta perspectiva de contestação à categoria universal de “mulher” e às reivindicações excludentes, pautadas pelo feminismo hegemônico branco, bell hooks (2015) destaca que as

[...] mulheres negras observaram o foco feminista branco na tirania masculina e na opressão das mulheres como se fosse uma revelação ‘nova’ e acharam que esse foco tinha pouco impacto na sua vida. Para elas, o fato de as mulheres brancas de classe média e alta precisarem de uma teoria para informá-las de que eram oprimidas era apenas mais uma indicação de suas condições de vida privilegiadas. (HOOKS, 2015, p. 203)

Desse modo, as interdições aos corpos de mulheres não se igualam, tendo em vista que aqueles que fogem às nuances do padrão hegemônico, sequer são considerados como corpos a serem regulados e/ou desejados, restando-lhes as explorações e a abjeção. Ainda assim, após a contínua repressão aos corpos e à sexualidade das mulheres, em seus variados contextos, pequenas rupturas começavam a ser sinalizadas, mesmo desigualmente, tendo em vista que aos poucos elas passaram a livrar-se dos elementos que simbolicamente as protegiam dos desejos masculinos, como destaca Mary Del Priore:

Por sua vez, as mulheres começaram a abandonar a couraça que as tinha simbolicamente protegido do desejo masculino. Desejo alimentado pela voluptuosidade da espera, do mistério, do jogo de esconde-esconde que elas traduziam com seus corpos.

Era o começo do fim da excitação provocada pela mão na luva; pelos cabelos com véus e chapéus; por pés recobertos com sapatos finos; pelo corpo submerso por toneladas de tecidos, só despido por ocasião de bailes, quando os decotes revelavam o verdadeiro desenho de pescoços e ombros. (DEL PRIORE, 2011, p.89)

Esse processo de “descoberta”<sup>4</sup> do corpo, que se tornava apto ao prazer e despiase do rigor das vestes, já era um grande avanço, apesar de que esse aparente afrouxamento dos controles do corpo, sempre carregasse outras marcas repressivas e de dominação, dissimuladas de desejo e veneração pelo perfil doce e frágil da mulher. Ao estimular o desnudamento do corpo feminino, os organismos patriarcais iam sutilmente exercendo controle sobre suas formas, dobras, encontros e gozos e assim fortificando seu poder sobre ele. Pois como continua Del Priori,

O culto pela mulher frágil, que se reflete nessa etiqueta e na literatura e também no erotismo de músicas açucaradas, de pinturas românticas; esse culto pela mulher é [...] um culto narcisista de homem patriarcal, de sexo dominante que se serve do oprimido – dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das ancas, das coxas – como de alguma coisa quente e doce que lhe amacie, excite e aumente a voluptuosidade e o gozo. Nele, o homem aprecia a fragilidade feminina para sentir-se mais forte, mais dominador. (DEL PRIORE, 2011, p. 61)

Tal desnudamento e enfrentamento às regulações e dominações perpetradas pelo patriarcado, apresentado pela autora, também passa a ser experimentado na literatura produzida por mulheres, apesar do contínuo controle exercido pelo cânone e pela crítica literária, igualmente patriarcal e eurocêntrica. Na Literatura brasileira, assim como em outras representações artísticas e culturais, a mulher frágil, lânguida e inerte, sempre à disposição do pincel e da caneta dos homens, como essa representação falocêntrica, vai aos poucos sendo confrontada pelas narrações de si mesmas como corpos que sentem desejo, prazer, tesão, repulsa; corpos escritos para além das disposições reprodutivas e domésticas. Corpos [re]escritos na e pelas intensidades de suas experiências e encontros, desobedecendo qualquer imposição e análise funcional limitada.

Dentre as escritoras que subverteram esse processo de invisibilização e silenciamento, trazendo para a escrita os desejos plenos e as formas reais de seus corpos, tendo, por vezes, sua escrita taxada pejorativamente, pelos organismos moralistas reguladores, como erótica e/ou pornográfica<sup>5</sup>, destacamos Gilka Machado (1978) que, apesar da potência de sua obra, não teve o reconhecimento devido, sendo colocada à margem pela crítica literária nacional, esse organismo anulador:

Com carícias brutais e com carícias mansas,  
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...  
– sou árvore a oscilar, meus cabelos são franças...  
E não podes saber do meu gozo violento,  
quando me fico, assim, neste ermo, toda nua,

<sup>4</sup> Em toda a sua polissemia, esse descobrimento implica descobrir a si mesma e livrar-se do excesso de vestes que lhe encobria.

<sup>5</sup> Literatura erótica é Gênero literário que inclui toda a literatura licenciosa, dirigida para a libertação do desejo sexual ou do amor sensual independentemente do grau de licenciosidade, o que levaria, como alguns entendem, a uma distinção entre literatura erótica (menos licenciosa) e literatura pornográfica (abertamente licenciosa). Literatura erótica. *In*: E-DICIONÁRIO de Termos Literários de Carlos Ceia. Brasil, 2022. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

completamente exposta à Volúpia do Vento!  
(MACHADO, 1978, p. 73)

Assim como desejou Hélène Cixous numa perspectiva derridiana, em *O riso da Medusa*, “É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento. Não é mais possível que o passado faça o futuro.” (CIXOUS, 2022, p31), na poética de Gilka Machado é a própria mulher que toma para si a decisão do encontro e a delícia do seu próprio gozo, inclusive ousando escrever sobre ele, como podemos sentir no fragmento acima do poema “Na plena solidão de um campo descampado”. Muito embora Cixous (2022) utilize o termo mulher como singular universal, ela não abafa ou anula as existências plurais, destacando, inclusive, que não se pode falar de uma sexualidade feminina, invariável, homogênea (p.32).

Ainda no que diz respeito à escrita de mulheres, também na prosa as perseguições e marginalizações das escritas de mulheres sobre seus corpos e sexualidade foram fortes, como é o caso da autora Cassandra Rios que teve sua obra censurada e incendiada, durante a Ditadura Militar, mesmo sendo recordista de vendas. A autora ficou conhecida como “escritora maldita” tendo sua obra taxada como baixa literatura pela crítica canônica (SANTOS, 2017). Nem a prerrogativa de ser uma mulher branca e de classe média-alta a poupou dos ataques, afinal ela subvertia toda a tradição literária nacional, esse organismo imperativo, apresentando obras permeadas de encontros e experiências sexuais livres e intensas entre mulheres.

Cassandra Rios subvertia todo o perfil canônico e isso incomodava o sistema cisheteropatriarcal: era mulher lésbica e escrevia sobre suas experiências sexuais homoafetivas livremente, sem precisar recorrer a truques linguísticos ou eufemismos; sua escrita é um Corpo sem Órgãos que utiliza o organismo da linguagem em favor dos seus desejos, como podemos perceber e sentir em “[...] seus olhos, suas mãos eram libidinosas, sua boca voraz e sem-vergonha, uma mulher que se dava e possuía. Que exigia receber também os mesmos êxtases que eu lhe proporcionava. [...] Arrastamo-nos para a cama. Era preciso senti-la vibrar para saber que era minha” (RIOS, 1974, p. 95).

As mulheres apresentadas neste fragmento de *Tessa, a gata* (1974) vibram no encontro dos seus corpos e entregam-se mutuamente às intensidades dos prazeres “sem-vergonha” e sem agarrarem-se aos binarismos que reforçam o poder e dominação das relações bifurcadas em passivo e ativo, experimentando a potência dos Corpos sem Órgãos, tal qual as mulheres que compõem *Úmidas* (2022).

Assim, é subvertendo as normatizações, categorizações e hierarquias atribuídas tanto aos seus corpos, à sexualidade, como a sua escrita, que as mulheres escritoras vêm, ao longo dos tempos destruindo as amarras produzidas e celebradas pelos organismos reguladores, numa perspectiva de enfrentamento a instrumentalização dos corpos e de destruição das prescrições e modelos rígidos a serem seguidos, seja no fazer social ou na criação literária. É pelas experimentações constantes, pelos encontros dos corpos, das palavras-corpos, das escritas no e dos corpos que essas mulheres escritoras vão, aos poucos e coletivamente, resistindo às normatizações e produzindo Corpos sem Órgãos escritos e abertos a novos encontros e à potencialização dos desejos.

As análises que seguem oferecem-nos um encontro fluido com as intensidades que transitam no Corpo sem Órgãos inscrito e escrito em *Úmidas* (2022). Experimentemos!

### 3 A EXPERIMENTAÇÃO DO CORPO SEM ÓRGÃOS (CsO) EM ÚMIDAS

Ao submergirmos nas águas quentes da poética que compõe *Úmidas* (2022), vamos sentindo a força pulsante desses corpos poéticos-políticos que não se prendem às formas e normas padrões, ansiando apenas pelo seu existir pleno onde circulam livremente as intensidades. A obra é produzida coletivamente por três mulheres poetas independentes, arteiras, residentes em diferentes territórios dos Semiáridos baiano, que interconectam suas experiências, desejos e sentidos por meio de escrita literária desobrigada dos padrões canônicos.

Em *Úmidas* (2022), é o corpo das poetas que fala-escreve, numa construção resistente, como elas próprias anunciam logo no texto de apresentação da obra:

A chuva desce  
à terra no cio  
e gemem línguas  
de rio.

*Aqui, nossos corpos falam e gozam em poesia transcendental.*  
(MADANÇA, RIBEIRO e SERTÃOSOL, 2022, p.7)

No decorrer da obra, as poetas não abandonam a consciência política e social que perpassa suas existências e a construção dissidente dos seus corpos, constantemente perseguidos e rotulados, seja em razão do gênero, raça ou territorialidade. Para Marie-Hélène Bourcier, no prefácio do *Manifesto Contrassexual*, é importante compreendermos o “corpo como espaço de construção biopolítica, como lugar de opressão, mas também como centro de resistência” (BOURCIER, 2014, p.13). Logo, apesar de toda a força impositiva dos organismos e suas tecnologias regulatórias sobre esse corpo semiárido, ele é também resistente às estratificações que lhes podam e julgam seus desejos e ações, mas sem abandonar a plena experimentação dos desejos e do gozo autônomo, sem interferências fonofalocêntricas, como podemos sentir no poema 12,

Já não consigo resistir  
à delícia que há em mim  
Fluida, quente, ardendo, ardente  
Meto-me as mãos internamente  
Apalpo-me as carnes ferozmente  
me lambo me cheiro me mordo  
Ai, esta água ardente!  
(MADANÇA, RIBEIRO, SERTÃOSOL, 2022, p.21)

Aqui, são as mulheres que traçam, com seus sentidos em profusão, caminhos sinestésicos do gozo pelo seu corpo irresistível, sem qualquer marca de culpa ou censura. Ao trazer a masturbação para o centro da poética, as autoras rompem com os tabus em

torno dessa prática prazerosa e de autoconhecimento, antes permitida somente aos homens, escapando das determinações em torno dos corpos e sexualidade das mulheres. Para essas mulheres, em suas escritas, não se trata de desejo-falta, desejo-frustração que controla o sujeito e que pode ser plenamente saciado pelo prazer, mas sim de desejo-afeto, livre, contínuo, “é, na verdade, uma linha de fuga que acontece através do sujeito que a experimenta, mas que não o controla nem determina e vice-versa” (MAIA, 2018, p.30)

A escrita fluida, incontida, que transcende às categorizações e sentidos regulados pela norma e seu padrão culto, mobilizando não só pronomes oblíquos iniciais, mas mãos e gozos em ação, tal qual essa voz que constrói o poema na quentura dos seus desejos, é também uma manifestação do CsO. De acordo com Paulo Carneiro Maia (2018) a linguagem pode se colocar como organismo restrito, circunscrito às regulações, quando se limita à contenção de sentidos. Por outro lado, a linguagem também pode propiciar o surgimento do CsO, nesse caso o

seu corpo sem órgãos emerge quando consegue quebrar os sentidos comuns da língua, apresentando novos. Ora, se a linguagem é convenção que, mediante as palavras, gera comunicação, o CsO da linguagem questiona seu alcance e suficiência. Não basta inventar palavras, mas aproximar a linguagem do caos que é o nascimento do pensamento. (MAIA, 2018, p.12)

Essa escrita liberta, que subverte o organismo canônico e suas opressões, produzida coletivamente a partir dos encontros intensivos, sejam eles físicos e/ou ideológicos, de mulheres semiáridas que tomam para si a palavra e entregam-se às experimentações do prazer pleno e independente, é também um processo construtivo do Corpo sem órgãos, esse corpo onde as intensidades, potências e desejos movimentam-se livremente, subvertendo as limitações dos organismos, como apresenta Deleuze e Guattari, tanto em *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia* como em *Mil Platôs*.

Ao refletirmos sobre o organismo patriarcal e falocêntrico representado pelo Cânone literário, compreendemos essas escritas poéticas-políticas, a exemplo de *Úmidas* (2022), como contestadoras do falo como essa ideia de verdade absoluta que fundamenta o pensamento hétero. A potência e postura provocadora dos corpos escritos em *Úmidas* (2022) se revelam em cada verso que delinea o Corpo sem Órgãos produzido na/pela obra. Sobre a potência do CsO, Paola Sanfelice Zeppini (2010) afirma que

Queremos com isso dizer que corpos sem órgãos são criados por força de certos encontros, e a criação deles leva-nos a fugir da estratificação, a escapar da organização extrema, que tenta, a todo o momento, determinar quem somos, o que podemos e o que não devemos fazer, aonde ir, como agir, o que pensar e como sentir (ZEPPINI, 2010, p. 106).

Também em um visível processo de experimentação do CsO, no poema 9 as poetas autoras escancaram toda sua resistência e insubordinação às normas silenciadoras, por meio dessa linguagem - ação que, além de trazer mais força e pertencimento à escrita,

extravasa sentidos vastos, visando também quebrar com o pacto narcísico do cisheteropatriarcado<sup>6</sup>

7

Sou lagarta que seu pau não rói,  
nem sustenta.

Meus dedos todos  
sabem de cor  
os caminhos úmidos  
de fazer asas  
e tormenta.

Neste meu casulo em sauna

a

flama chama,  
mas não se apega,  
pois logo eu voo,  
no saculejo das ancas  
que borboleteiam  
auroras.

(MADANÇA, RIBEIRO, SERTÃOSOL, 2022, p.18)

Considerando-se que os CsO são produzidos a partir de encontros intensivos que por sua vez direcionam suas atuações, a partir das intensidades e dos desejos experimentados, podemos dizer que em *Úmidas*, os CsO são corpos que escrevem e são escritos, não à caneta – esse instrumento ereto pronto para criar histórias excludentes -, mas à língua, mão, virilhas e lábios interconectos, que recitam e sopram mais ainda desejos, subvertendo as múltiplas manifestações dos organismos patriarcais e opressores. Assim, a obra apresenta uma escrita viva que pulsa e dança com o erótico, mas não se prende ao seu conceito, pois como afirma Bataille, “[...] erotismo é a aprovação da vida até na morte”(BATAILLE,1987, p.10).

Ao colocar em dança corpórea e palavreira partes do corpo que não estão a serviços dos organismos centrados nos binarismos e categorias biologizantes, a escrita de *Úmidas* nos apresenta corpos falantes (PRECIADO, 2014) em que o prazer e o gozo podem ser experimentados para além dos órgãos considerados sexuais e erógenos, pelo binarismo do pensamento cisheteropatriarcal. Ainda para Preciado (2014),

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas. (PRECIADO, 2014, p.25)

---

<sup>6</sup> Analogia ao termo “pacto narcísico da branquitude”, cunhado por Cida Bento, psicóloga e ativista brasileira, em referência ao compromisso da branquitude em manter uma estrutura racial injusta e excludente que lhe beneficia, assim como acontece com os sujeitos mantenedores e beneficiados pela dominação cisheteropatriarcal.

Assim, é pela construção de Corpos sem Órgãos, abertos às experimentações e desejos mais latentes que os sujeitos podem caminhar rumo a libertação dos seus pensamentos e ações, repelindo as barreiras dos organismos sociais, pois como afirma Oliveira (2020), é “[...] a ativação da potência que permite ao sujeito escapar de uma instrumentalização, possibilitando-lhe uma abertura para novas sensações [...]” (OLIVEIRA, 2020, p.13-14). Que esses corpos continuem dançando às avessas e promovendo rompimentos necessários nas atrofiadas normatizações em torno da escrita literária e, especialmente, dos corpos que escrevem ignorando os padrões.

#### **4 CONSIDERAÇÕES: POR MAIS DEDOS DE PROSA E GOZO**

Partindo desse entrelaçamento dos corpos escritos, que também sobre si escrevem e movimentam, não estando mais dispostos às regras anuladoras criadas e fortalecidas pelo sistema patriarcal e eurocêntrico, esse organismo cerceador que visa estratificar e instrumentalizar os corpos para a exploração e dominação, é possível percebermos como a criação literária, desvinculada dos padrões canônicos, é também uma espécie de desnudamento de mulheres que se entregam ao universo das palavras e com elas vão despindo-se de tabus e silenciamentos.

Desse modo confirmamos que os julgamentos e categorizações da literatura produzida por mulheres, a partir dos seus anseios, da latência dos seus desejos e movimentar pleno de seus corpos, em eróticas ou pornográfica sejam resultado de uma prevalência das vozes legitimadas pelo pensamento cisheteropatriarcal que visa engessar e anular tais produções. Em oposição a essas engessaduras que repelem a construção do CsO, é possível notarmos nos poemas analisados de Gilka Machado, além daqueles da obra *Úmidas* e da pequena amostra da obra de Cassandra Rios, que essas mulheres autoras escrevem de modo desobrigado das regras estéticas e padrões de criação literária, num exercício criativo fluido e visceral, buscando tão somente satisfazer os desejos mais intensos de liberdade e gozo em/de si mesmas, por meio da palavra liberta e provocativa.

A construção de Corpos sem Órgãos, além de exercício contínuo e intensivo é também uma possibilidade de (re)conhecimento de suas potências, de agenciamento sociopolítico que toma a palavra como guia. Escrever sobre si e sobre as experiências de seus corpos, numa sociedade organizada hierarquicamente para a dominação de quem extrapola os espaços demarcados dos órgãos e desregula os organismos é, sobretudo, uma ação política resistente e necessária às transformações sociais tão urgentes.

Desse modo, ao tomarem para si o movimento e a direção dessa poética que lateja, umedece e goza, essas mulheres escritoras, poetas de si e dos seus contextos, entregam-se ao inevitável exercício de construção de Corpos sem Órgãos, rompendo com as categorias e sistemas que anulam desejos e experiências plenas, não de modo imprudente ou despropositado, mas permeando encontros intensivos com outras mulheres e suas escritas de modo a potencializar suas intensidades, trazendo para o processo de escrita, seja na estruturação dos poemas ou escolhas lexicais, toda a essência da liberdade sexual e existencial que experimentam no toque afetivo e prazeroso das palavras.

Assim, sem ousarmos findar estas provocações e desejando que outros tantos Corpos sem Órgãos possam ser construídos a partir dos encontros de sentidos aqui partilhados, com os sentidos que cada leitor/leitora carrega, nas movimentações e intensidades dos seus corpos, reforçamos que é pelas experimentações responsáveis que inauguram novos afetos e também sentidos, que poderemos produzir as revoluções que desejamos. Se é pela palavra escrita, dita, gritada, lambuzada no suor dos corpos que as mulheres poetas autoras de *Úmidas* partilham conosco as revoluções das suas escritas e existências, que tomemos suas intensidades como estímulo para a produção dos nossos Corpos sem Órgãos.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Postagem Instagram*. Salvador, 25 set 2022. Instagram: @carlaakotirene. Disponível em: <http://www.instagram.com/p/Ci8MkquJnJb/>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- ARTAUD, Antonin. *Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus / O Teatro da Crueldade*. Trad. Luiza Neto Jorge e Manoel João Gomes. Lisboa: & etc, 1975.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio In: PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CEIA, Carlos s.v. Literatura erótica. *E-Dicionário de Termos Literários*. Coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Brasil, 2022. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 2 dez. 2022.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da medusa*. Tradução Natália Guerellus, Raísa França Bastos. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephrain Ferreira Alves — 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v.3.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Perspectiva, 2004.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, In: TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do Ciborgue: as Vertigens do Pós-Humano*. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 33-119.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 193-210, 2015.

MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL/MEC, 1978.

MADANÇA, RIBEIRO e SERTÃOSOL. *Úmidas*. 1 ed. Belo Horizonte- MG, 2022.

MAIA, Paulo C. *Criação e corpo sem órgãos*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21681/2/Paulo%20Carneiro%20Maia.pdf>> Acesso em 15 jun. 2023.

OLIVEIRA, Francisco Aedson de Souza. *A representação do corpo sem órgãos em contos de Caio Fernando Abreu: violência, estranhamento e sexualidade*. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2020. Disponível em <<https://www.uern.br/controldepaginas/defendidas-em-2020/arquivos/6182tese-versa-fo-final-francisco-aedson-de-souza-oliveira.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2023.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história: Descobrir historicamente o gênero*. 2012. Disponível em: [www.cntgaliza.org](http://www.cntgaliza.org). Acesso em: 15 nov. 2022.

RIOS, Cassandra. *Tessa, a gata*. Rio de Janeiro: Mundo Musical, 1974.

SANTOS, Claudiana Góis. *Sapatão é revolução: Censura, erotismo e pornografia na obra de Cassandra Rios*. *Revista Periódicos*, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 263–279, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/21782>. Acesso em: 11 dez. 2022.

WITTIG, Monique. *O pensamento heterossexual e outros ensaios*. Tradução Máira Mendes Galvão. 1 ed. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2022.

ZEPPINI, Paola Sanfelice. Em proveito de corpos plenos. *In: Deleuze e o Corpo: articulações conceituais entre Deleuze, Nietzsche e Espinosa em função da problemática do corpo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/779620>> . Acesso em: 20 nov. 2022.